

# Estranhos vizinhos. O lugar da favela na cidade brasileira

Paulo Cesar da Costa Gomes\*

O Haiti não é aqui.  
O Haiti é aqui.  
*Tropicália*

Caetano Veloso e Gilberto Gil

**Resumo:** No Brasil, os critérios tradicionalmente retidos pelas ciências sociais para distinguir a cidade informal (favela) da cidade formal creditaram a idéia de uma oposição entre estes dois universos sociais e espaciais. A permanência destas noções e destes conceitos explica a dificuldade de certos discursos atuais, buscando sublinhar a continuidade entre as duas faces da mesma realidade urbana e a dar conta com pertinência de sua articulação. A distância demasiada entre a intenção e os instrumentos de análise, cria uma distorção nociva.

Afim de provar a inadequação destes critérios, o autor propõe de os utilizar para descrever uma realidade sócio-espacial particular: aquela do departamento de geografia da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Chega-se então a constatação de uma similitude da dinâmica sócio-espacial entre o departamento de geografia e a favela vizinha.

**Résumé :** Au Brésil, les critères traditionnellement retenus par les sciences sociales pour distinguer la ville informelle (favela) de la ville formelle ont accrédité l'idée d'une opposition entre ces deux univers sociaux et spatiaux. La permanence de ces notions et concepts explique la difficulté de certains discours actuels, cherchant à souligner la continuité entre les deux faces de la même réalité urbaine et à rendre compte avec pertinence de leur articulation. La distance trop importante entre l'intention et les outils d'analyse crée une distorsion nuisible.

Afin de prouver l'inadéquation de ces critères, l'auteur propose de les utiliser pour décrire une réalité socio-spatiale particulière : celle du département de géographie de l'université fédérale de Rio de Janeiro. On aboutit alors au constat d'une similitude de la dynamique socio-spatiale entre le département de géographie et la favela voisine !

**Palavras chaves:** Ciências sociais. Investigação urbana. Favela. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Brasil

**Mots-clés :** Sciences sociales. Recherche urbaine. Favela. Université fédérale de Rio de Janeiro. Brésil

**A** PALAVRA 'FAVELA' É FORTEMENTE CONOTADA de forma negativa no universo semântico cotidiano em todo o Brasil. Dizemos, assim, que algo é 'favelado' quando desejamos associá-lo à idéia de pobreza, desorganização, feiúra, mau gosto ou má educação. Em outros termos, "favelado" é tudo aquilo que rejeitamos pela falta de prosperidade, de elegância, de ordem, de beleza ou de polidez, entre outros aspectos, no qual são ressaltadas as ausências. Em síntese, podemos dizer que o uso dessa palavra indica, antes de mais

\* Universidade Federal do Rio de Janeiro. Departamento de geografia.

nada, um julgamento de valor. Talvez por isso haja atualmente uma tendência crescente a se difundir o uso da expressão 'comunidade', para substituir a de favela e então, por esse expediente, o discurso parece querer indicar a inclinação positiva daquele que fala em relação aquele espaço e às pessoas que nele habitam. Nesse caso, a palavra 'comunidade' parece se prestar a veicular as idéias de solidariedade, de autenticidade, de simplicidade e de harmonia, ou seja, valores que indicam "quentes" laços afetivos em oposição à 'fria' sociedade urbana contratual da cidade formal.

Assim construído esse universo de significação, fica fácil estabelecer contrastes entre o que é 'favela' e o que não é, ou seja, entre o que é negativo e ruim e o que é positivo e bom. Há toda uma enorme tradição no uso desse raciocínio dualista para interpretar as formas e manifestações da cultura brasileira<sup>1</sup>. Na interpretação dos problemas urbanos também essa esquema é chamado a depor como peça fundamental de convicção para demonstrar que a desigualdade social brasileira funda dois mundos diversos e opostos e isso do ponto de vista morfológico e sociológico. Esse espaço assim 'dividido' é a chave para construirmos uma associação que uniria formas específicas e dinâmicas próprias aos espaços dos pobres e dos remediados<sup>2</sup>. É esse raciocínio dualista e simplista que explica em parte o sucesso dos esquemas do tipo 'cidade partida' ou da oposição muito comum no vocabulário atual entre 'favela e asfalto' ou ainda entre 'bairro e comunidade'. Trabalhamos assim com categorias em perfeita oposição, o que nos favorece a apresentação de universos mutuamente exclusivos, onde à ausência se opõe, de forma simétrica e inversamente proporcional, a abundância.

É possível, no entanto, construir outras formas de significação onde a perfeita oposição não seja mais o único modo de compreensão e, ao fazê-lo, talvez mais facilmente deixemos um lugar para a complexidade advinda da não exclusividade de aspectos e de valores. Ao assim procedermos, poderemos talvez conceber essa categoria de 'favelado' não como algo estritamente delimitado e exclusivo a uma faixa de renda ou a um localizado aglomerado de pessoas e de casas.

Certo, como geógrafos, devemos relacionar essa categoria a formas precisas de organização do espaço e a determinados comportamentos associados a essas formas espaciais. Não obrigatoriamente, entretanto, essa associação deve ter um caráter exclusivo e nosso desafio pode ser o de justamente demonstrar como essa organização espacial deriva de uma dinâmica que não é particular e unicamente associado a uma parte da cidade ou fatia da população, embora se condense com mais ênfase e visibilidade em determinados *locais*.

É bom que vejamos muito bem compreendidos. Não estamos negando a existência de um espaço onde predomina uma forma espacial particular, um certo tipo de agenciamento do espaço, com alta densidade de casas, arruamentos irregulares, padrões de edificação derivados da chamada "auto-construção", entre outras características, que estamos acostumados a identificar dentro do tecido urbano e a denominá-las como 'favelas'. Essas unidades existem e não são apenas construções voluntárias, perversas, segregadoras ou ideológicas de minha percepção. O que queremos dizer é que as formas e valores que associamos à favela não necessariamente devem permanecer restritos a ela e talvez nem mesmo lhes sejam inteiramente próprios.

As razões que erigem esse espaço denominado como 'favela' existem no resto da cidade e talvez apenas apareçam com maior visibilidade no espaço dela pois aí o controle e a coerção social são menores ou, pelo menos, não são aí tão eficientes. O fato de ver uma continuidade entre a favela e a

cidade pode parecer banal, mas com certeza não o é. Em primeiro lugar, essa continuidade dissolve o raciocínio esquemático, estabelecido pela concepção de uma ruptura total, que se nutre do aparente confinamento de características, ou seja, de um lado a cidade formal, do outro a informal, cada qual com sua moral, seus costumes, seus valores – mundos paralelos e opostos. Em segundo lugar, a continuidade nos permite reconhecer graus e intensidades diferentes de uma mesma dinâmica. Embora esses graus e intensidades resultem em aparências diversas no que diz respeito à organização do espaço, não quer dizer que eles sejam completamente estranhos uns aos outros – aliás, a sociedade que produz a favela não poderia mesmo lhe ser completamente estranha.

Podemos assim ver esse espaço da favela como um cenário exemplar e exagerado de certos aspectos que, todavia, são compartilhados por muitos outros espaços que compõem a vida urbana brasileira.

São alguns desses aspectos que gostaríamos de examinar aqui. Eles devem ser concebidos como ‘marcas’ que caracterizam uma dinâmica e, dessa forma, podem, como dissemos anteriormente, ser identificados em outros lugares, diversos daqueles onde eles ganham inteira visibilidade ou preponderância – a favela. Nossa observações serão feitas, por razões de modulação disciplinar, sobre dois principais campos: o da estética e o dos comportamentos que são orientados espacialmente. Tentaremos relacioná-los e, sempre quando possível, apontaremos alguns elementos ou indicaremos as prováveis razões que os explicam.

O primeiro traço flagrante é dado pela observação de que se trata de uma espaço de forte densidade, tanto em relação à intensidade do uso quanto em relação à apropriação. Parafraseando um autor especialista da cidade medieval, trata-se de um espaço que parece demonstrar ‘horror ao vazio’ (Le Goff, 1980). Todas as áreas devem ser fisicamente ocupadas e tudo deve conter explicitamente os sinais de uma apropriação. O espaço livre pode ser ambiguamente interpretado como “terra de ninguém”, por isso as marcas que indicam o uso e a posse devem ser explícitos, claros e sempre quando possível devem constituir um obstáculo ao acesso dos outros. Há também uma intensidade diferencial nessa ocupação, uma espécie de lei de concentração em torno de pontos valorizados, centros, a partir dos quais o uso e a posse se fazem mais presentes e densos.

Resulta dessa forte concentração de usos e de apropriações uma sensível compartimentação, como se cada pequena parcela de área necessitasse de uma atribuição específica, de uma qualificação. Esse é o segundo aspecto característico desses espaços, a compartimentação. Os espaços tendem assim a apresentar uma forte densidade de ocupação e uma divisão em variadas parcelas, seguindo um padrão ‘orgânico’, ou seja, a compartimentação vai sendo construída a medida que a pressão e a disputa, de diferentes usos ou de diferentes agentes, se acentua. Dessa pressões deriva um tipo de morfologia irregular, assimétrica, estabelecida ao sabor da composição de forças de cada momento e dos recursos e interesses que lhes são específicos.

O terceiro ponto característico desses espaços diz respeito aos bloqueios e obstáculos à circulação que são correlatos das restrições e controles estabelecidos e exercidos pelos agentes locais. As delimitações se erguem como barreiras, muros, trancas, cercas, entre outros expedientes, que são utilizados para demarcar domínios, em geral, ganhos sobre um terreno que antes era comum, frequentemente destinado à circulação. Parece inclusive haver uma forte correlação do imaginário que faz coincidir a imagem dos becos e a caracterização de uma “verdadeira favela”, segundo algumas entrevistas colhidas (Andrade, 2002)<sup>3</sup>.

Finalmente, um quarto e último aspecto deve ser mencionado: a diferença contrastante, no arraço, no cuidado e na responsabilidade entre o espaço interno e o externo. De fato, percebe-se que o cuidado, a limpeza, a ordenação e o investimento feito no espaço interno não encontram nenhum paralelo no espaço externo às casas. As paredes das residências demonstram mesmo essa diferença. São muitas aquelas em que o revestimento interno contrasta nitidamente com o tijolo, sem massa e sem pintura, do exterior. Toda melhoria deve ser feita no interior. Talvez pudessemos mesmo dizer que não existe uma concepção de 'fachada' nessas casas, tudo se passa como se as necessidades internas ditassem de forma absoluta o exterior e esse não merecesse nenhum tratamento específico. O mesmo ocorre com a limpeza, por exemplo, e a higiene no interior da casa pode conviver com a extrema insalubridade exterior, sem que isso pareça ser associado a mesma fonte de responsabilidade.

Todos reconhecemos nessa descrição aspectos típicos das favelas: casas sem recuo em relação às ruas, coladas umas as outras, estreitas e sempre prontas a ganhar mais uma laje; aglomeração máxima face às maiores vias de circulação, onde a acessibilidade é maior, forte densidade e verticalização nas partes mais baixas do morro, quando as favelas se desenvolvem nas encostas; becos, escadas, passagens; inúmeras ligações elétricas sobre um mesmo poste, grande quantidade de tubulação em 'pvc', ocupando os cantos das passagens; e finalmente, o aspecto geral das paredes em 'osso' contrastando com os interiores devidamente acabados.

O passo seguinte é o de identificar esses aspectos não mais lá onde a visibilidade é maior, mas sim ali onde o senso comum criou a imagem de uma perfeita oposição, na cidade formal. Escolhemos para a comparação um espaço bem característicos e dos mais difíceis, pois em princípio ele é objeto de uma estrita legislação que o controla como em outras áreas da cidade formal. Porém, o mais significativo, é que ele abriga pessoas que estão encarregadas socialmente de refletir sobre o espaço, sua natureza, sua morfologia, sua explicação. Escolhemos para essa breve comparação os espaços da Universidade Federal do Rio de Janeiro, mais especificamente aquela parte dela dedicada a essa tarefa de pensar o espaço, o Departamento de Geografia.

Com o objetivo de proceder a essa comparação entre a favela e a cidade formal, representada aqui pelos espaços do Departamento de Geografia, organizamos um pequeno projeto de reconhecimento desses espaços, reconhecendo os usos, os expedientes de apropriação e mobilização utilizados pelos diferentes agentes locais (grupos de pesquisa, professores individualmente, funcionários e alunos). Acrescentamos a isso um levantamento das opiniões dos principais envolvidos para esclarecer, primeiramente, se o discurso sobre a apropriação diferencial dos espaços apareceria claramente e de forma justificada e, em segundo lugar, se esses mesmos envolvidos teriam consciência dos processos paralelos aos da favela, uma dela, a maior da cidade, situada ao lado do Campus da Universidade.

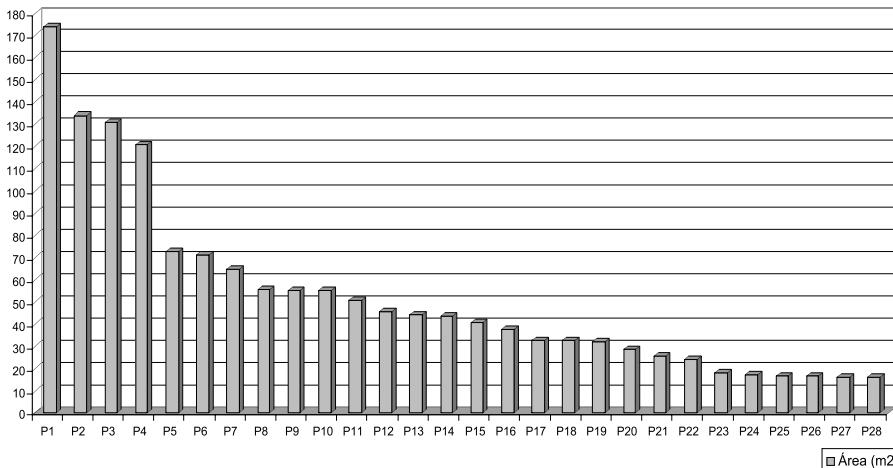
Percebemos que a atribuição de parcelas de área são muitos desiguais se considerarmos todos os professores desse Departamento (vide gráfico 1). Há um enorme grau de dispersão nessa distribuição o que nos indica a forte concentração de um lado e a fragmentação de outro. Quando arguidos sobre esse processo, os envolvidos costumam fazer apelo à história para explicar como e porque isso ocorreu. Há assim uma busca de legitimidade que viria através da tradição. Essa tradição se mostra fortemente marcada

pelo patrimonialismo como se pode verificar em algumas das entrevistas realizadas. Esse patrimonialismo, como aliás em outras circunstâncias nas quais eles intervêm, procura dar um ar de tranquilidade e acordo a aquilo que é conflituoso e injusto, nesse caso a disputa pelo controle de áreas do Departamento.

As portas, dos laboratórios, das salas dos professores ou dos grupos de pesquisa, são individualmente gradeadas, algumas fechadas com diversos cadeados. Muitas grades foram colocadas diante da porta e não atrás com uma nítida delimitação a ser imediatamente identificada. É claro que os motivos que aparecem em primeiro e as vezes único plano estão relacionados à segurança e à proteção do patrimônio. O que nunca aparece nesta justificativa é a razão dessas iniciativas sempre terem sido tomadas em separado, ou seja, "cada um que cuide de si". Não há assim barreiras comuns, as portas delimitam domínios e não atributos. As restrições são de cada um e, dessa forma, indicam simultaneamente uma apropriação de uma área que é particular ou, para usar um preciso vocabulário geográfico, indicam uma territorialização.

Gráfico 1

Área ocupada por professor



Área total ocupada por professor do Departamento de Geografia da UFR!

Muitos equipamentos são individualizados, computadores, impressoras, ligações com a rede de provedores da internet, bebedouro e até banheiros podem ser de uso exclusivo de cada laboratório. As imagens das ligações dos fios de cada sala nos provedores, executadas individualmente e sem nenhuma iniciativa coletiva são idênticas àquelas que poderiam ser geradas em um poste de uma favela. Os recursos que permitem esses investimentos são muitas vezes oriundos de projetos particulares, o que gera uma enorme ambiguidade entre a unanimidade das opiniões consultadas contra a privatização e a prática cotidiana dos grupos de pesquisa.

Finalmente, a diferença entre o ambiente interno dos laboratórios e grupos contrastam enormemente com os corredores, salas de aula, banheiros

etc. Os equipamentos de última geração, a iluminação impecável, o conforto ambiental da temperatura e dos ruídos e a limpeza e manutenção, criam uma imagem abissal, com os velhos e descascados muros dos corredores sombrios, percorridos por cães que vagam.

As similaridades não são absolutas, nem esse foi o ponto de vista que queríamos sustentar. Desejamos apenas mostrar que há inegáveis vínculos entre a organização do espaço dito da "favela" e seus comportamentos e aqueles observados na Universidade. Esses vínculos existem pois há um êmulo comum na produção do espaço que se nutre, entre outros ingredientes, da idéia de maximização de oportunidades, da falta de pactos reguladores capazes de federar espaços e pessoas, regulamentando e controlando seus usos e, por último, do banimento dos limites entre as esferas que definem um contrato de coabitacão, inclusive aquelas que estabeleem as fronteiras entre o público e o privado. Hoje, cada vez mais, a ambiguidade dessas bordas tem servido aos interesses do momento e daqueles que se beneficiam dela. Não deixa de ser irônico que cada vez mais utilizemos a palavra 'comunidade' para falar desses dois conjuntos sociais – favelados e professores universitários –, quando nos damos conta do egoísmo individualista extremado que eles podem conter.

Nenhum dos entrevistados foi capaz de observar qualquer similaridade entre a dinâmica espacial do Departamento e a favela vizinha. Quando inquiridos sobre isso todos unanimamente sublinharam as diferenças e tenderam a demonstrar a necessidade da 'comunidade científica' ajudar a 'comunidade favelada'.

Podemos, entretanto, provocadoramente afirmar que a vizinhança desses dois grupos não é, nesse caso, fruto da proximidade física. De fato, a Universidade Federal do Rio de Janeiro se situa ao lado de um dos maiores conjuntos favelados do Brasil, mas não é a distância em metros que nos aproxima. Nesse caso é a morfologia e um certo tipo de comportamento que pode ser correlacionado independentemente da distância física que separam esses dois objetos espaciais, instalações universitárias e favelas, no tecido da cidade. É isso que nos faz vizinhos.

## NOTAS

1 Os exemplos são muito numerosos. Entre os mais clássicos podemos citar Freyre (1933), Holanda (1936), Bastide (1957) e Lambert (1959)

2 O livro de Santos Milton cujo título é *O espaço dividido*, tem como imagem de cobertura uma foto onde no bairro de Ipanema aparecem, dividindo o clichê, a favela e o bairro.

3 Essas entrevistas forma colhidas para a Tese de Doutorado de Andrade, Luciana, *Espaço público e favela: uma análise da dimensão dos espaços coletivos não-edificados da Rocinha*, defendida e aprovada no PPGG-UFRJ em abril de 2002.

## BIBLIOGRAFIA

Andrade, Luciana da Silva. *Espaço público e favela: uma análise da dimensão dos espaços coletivos não-edificados da Rocinha*, Tese de Doutorado, PPGG-UFRJ, Rio de Janeiro, abril de 2002.

Bastide, Roger. *Le Brésil, terre de contrastes*, Hachette, Paris, 1956.

Freyre, Gilberto. *Casa grande e senzala*. José Olympio ed., Rio de Janeiro, 1933, trad. franç., *Maîtres et esclaves, formation de la famille brésilienne en régime patriarchal*, Gallimard, Paris, 1952.

Gomes, Paulo Cesar da Costa. *A condição urbana: Ensaios de geopolítica da cidade*, Bertrand Brasil, Rio de Janeiro, 2002.

Holanda, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. José Olympio ed., Rio de Janeiro, 1936, trad. franç., *Racines du Brésil*, Gallimard, Paris, 1998.

Lambert, Jacques. *Le Brésil. Structure sociale et institutions politiques*, Armand Colin, Paris, 1953, trad. brésilienne, *Os dois Brasis*, INEP, Rio de Janeiro, 1959.

Le Goff, Jacques (dir.) *Histoire de la France urbaine: La ville en France au Moyen Age*, Chédeville, <sup>a</sup>; LeGoff, J. et Rossiaud, J. Seuil Paris, 1980.

Santos, Milton. *O espaço dividido*. Livraria Editora Francisco Alves, Rio de Janeiro, 1978.